

Artigo

Poesia como arma para sobreviver: ditadura, resistência e testemunho no “Poema-Prólogo”, de Pedro Terra

Poetry as a Weapon for Survival: Dictatorship, Resistance, and Testimony in the “Poema-Prólogo” by Pedro Terra

Bruno Marques Duarte¹ , Flávia Maria Gomes Alves¹ 

¹Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fundamental analisar a representação poética da ditadura, da resistência e do testemunho no poema “Poema-Prólogo”, da obra *Poemas do povo da noite* (1979), de Pedro Terra. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva e analítica, propondo contribuir para o conhecimento social e acadêmico, sobretudo, na conjuntura recente do país, que evidenciou o crescimento de atos antidemocráticos. Para isso, utilizou-se os estudos dos teóricos que abordam a temática em questão: Fico, Arns e Wright, Bosi, Salgueiro e Silva. A partir da análise, verificou-se que o poeta usa da resistência para testemunhar a repressão no contexto da Ditadura Militar do Brasil (1964-1985), por meio dos versos escritos durante os anos em que esteve nos “porões” do Estado, de 1972 a 1977. O poema, pela afinidade entre a identidade do poeta e do eu lírico, fornece informações do passado que a história, sozinha, é incapaz de completar.

Palavras-chave: Poesia; Ditadura Militar; Resistência; Testemunho

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the poetic representation of dictatorship, resistance, and testimony in the poem “Poema-Prólogo,” from the work *Poemas do povo da noite* (1979), by Pedro Terra. This is bibliographical, descriptive, and analytical research, proposing to contribute to social and academic knowledge, especially in the recent situation in the country, which has shown an increase in anti-democratic acts. To this end, studies by theorists who address the subject in question were used: Fico, Arns, and Wright, Bosi, Salgueiro and Silva. Based on the analysis, it was found that the poet uses resistance to testify to repression in the context of the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985), through verses written during the years he was in the “basements” of the State, from 1972 to 1977. The poem, due to the affinity between the identity of the poet and the lyrical self, provides information about the past that history alone is incapable of completing.

Keywords: Poetry; Military Dictatorship; Pedro Terra; Resistance; Testimony

1 INTRODUÇÃO

A Ditadura Militar do Brasil (1964-1985), instaurada por um Golpe Civil-Militar que resultou na deposição do então presidente João Goulart, foi um período de intensa repressão dos direitos civis e políticos da população. Durante esse momento histórico, movidos por uma lógica anticomunista, não existiam limites jurídicos, éticos ou morais. Em razão disso, espionar, prender, interrogar, torturar e matar eram medidas permitidas para controlar e combater os que eram chamados “subversivos”, ou seja, aqueles que representavam uma ameaça à segurança do país.

Diante desse cenário, a Literatura de Testemunho surgiu aqui como uma estratégia de resistência ao governo autoritário. Em outras palavras, pela necessidade de relatar a experiência vivida, centrando-se no sofrimento, nas violações dos direitos humanos e na luta pela justiça e liberdade. Assim, dar voz aos silenciados e documentar os horrores presenciados tornaram-se tentativas de denunciar e, de certa forma, prevenir a repetição dos episódios ligados aos eventos traumáticos.

Em linhas gerais, as obras de testemunho são de grande relevância na compreensão dos fatos ocorridos. Além disso, passaram a desempenhar um papel importante na preservação da memória histórica e na conscientização sobre os fatos ocorridos, permitindo que as experiências das vítimas e dos oprimidos fossem compartilhadas e reconhecidas, sendo indispensáveis para a exposição do passado repleto de atrocidades. Isso se evidencia nos livros produzidos, em sua maioria, por organizações de esquerda.

Nesse contexto, encontra-se Pedro Tierra, militante político e social, que escreveu parte de seus versos em papéis de maços de cigarros durante os anos em que esteve nos “porões” do aparato repressivo, de 1972 a 1977. Nos versos, encontram-se, de caráter intenso e explícito, as experiências dolorosas, bem como sua resistência. Por isso, sua poesia exerce o testemunho dos horrores cometidos

contra ele e seus companheiros de cela, atuando, sobretudo, como porta-voz da dor e de um trauma individual, mas que também foi coletivo.

É relevante mencionar que a escolha do corpus, o poema “Poema-Prólogo”, se revela por sua capacidade como um “dever de memória”, ao permear em sua poesia, historicamente comprometida, os relatos precisos dos horrores, aos quais o autor e seus companheiros foram submetidos, e o sentimento de esperança, vislumbrado a resistência e o testemunho. Assim, esse corpus desempenha verdadeiramente a função de prólogo ao adiantar aos leitores os elementos que constituem a essência poética de toda a coleção.

Outrossim, a pesquisa se justifica por sua contribuição em ampliar a visibilidade dos poemas de resistência e testemunho no ambiente social e acadêmico, pois, embora a literatura de testemunho venha despertando interesse, poucas pesquisas dedicam-se a analisar os relatos nas produções poéticas¹. O poema de Pedro Terra apresenta potencial para enriquecer a compreensão da história brasileira, auxiliando no incentivo do debate de questões sociais e políticas, especialmente na conjuntura recente do país com evidente aumento dos pensamentos antidemocráticos durante e depois do governo de Jair Messias Bolsonaro.

Além disso, a concepção de acréscimo para a fortuna crítica do autor se sustenta, já que, mesmo diante da coragem e do reconhecimento político e literário de Pedro Terra, ainda são insuficientes os estudos sobre sua produção e limitada à fortuna crítica. Como seus poemas possuem forte carga testemunhal, é imprescindível dar lugar a um poeta que de fato sobreviveu às experiências traumáticas do Regime Militar, o que contribui para o avanço do conhecimento e para o enriquecimento das discussões acadêmicas.

Com base nisso, procura-se como objetivo geral: analisar a representação poética da ditadura, da resistência e do testemunho no intitulado “Poema-Prólogo”, que integra a obra *Poemas do povo da noite* (1979), de Pedro Terra. Além disso, como

¹ Para exemplificar, a revista “Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea”, n. 60, tema “Literatura e ditadura”, referente a 2020, que dos 11 artigos, nenhum trata sobre a poesia.

objetivos específicos, elencam-se: (1) examinar a estrutura de composição do poema escolhido; (2) analisar os níveis lexical, sintático e semântico do poema nomeado; e (3) destacar a relevância do estudo da poesia de resistência e testemunho na conjuntura recente do Brasil.

Feitas as colocações preliminares, para organizar as ideias que serão discutidas, o artigo se estrutura em seis tópicos principais. O trabalho se inicia com a introdução, já em execução. Em seguida, sistematiza-se a Ditadura Militar, com algumas considerações sobre como agiam os órgãos de controle e repressão desse período, além de uma síntese sobre os conceitos da poesia de resistência e de testemunho, essenciais para o estudo do poema. Na quarta parte, será apresentada a vida e obra de Pedro Terra, acompanhada da análise do poema selecionado e um tópico com a conclusão.

2 DITADURA, RESISTÊNCIA E TESTEMUNHO

Considerando que o foco deste artigo seja um poema que retrata a relação entre a Poesia e a História, expõe-se aqui, primeiramente, uma breve sistematização da Ditadura Militar do Brasil, considerações a respeito dos órgãos de controle e repressão criados durante esse período. Além disso, por se tratar de um poema que relata as violações dos direitos humanos sofridas nas prisões do aparato repressivo, realizar-se-á uma síntese sobre os conceitos de resistência e de testemunho, sobretudo relacionados à poesia.

1. 2 DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1985): O ESTADO CONTRA O POVO

Para compreender o período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), Carlos Fico da Silva Júnior, no livro *Como eles agiam. Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política* (2001), descreve os órgãos do governo e suas ações com relação aos brasileiros chamados “subversivos”. Ademais, o autor exhibe as medidas usadas para revelar os opositores do governo e como se formaram os principais sistemas repressivos do período, de espionagem, informação e repressão policial.

Em primeira instância, a pesquisa do historiador esclarece que setores preponderantes das Forças Armadas, a partir do Golpe Civil-Militar de 31 de março de 1964, contra o então presidente João Goulart, tomaram o poder no Brasil. Tal acontecimento foi descrito como “anos de profundo obscurantismo e sectarismo” Fico (2001, p. 17). Sob esse viés, o período ditatorial provocou graves consequências para a sociedade brasileira, tendo em vista ser caracterizado pela censura, prisões arbitrárias, tortura, assassinatos, etc.

Para esses acontecimentos, denominados “anos de chumbo”, um dos pilares foi a criação do Serviço Nacional de Informações (SNI), pela Lei n.º 4.341, de junho de 1964, com o intuito de espionar e registrar dados de intelectuais, estudantes e de outros indivíduos considerados “inimigos do regime”. Os arquivos dessa instituição reuniram informações de todo o território nacional, com diversos assuntos envolvidos nas operações de segurança e policiais, incluindo prisões e interrogatórios Fico (2001, p. 81).

Também, outras instâncias foram criadas para auxiliar na atuação nos órgãos públicos, como as Divisões de Segurança e Informações (DSI), pelo Decreto-Lei n.º 200, de fevereiro de 1967. Essas unidades, consideradas como centrais de assistência direta do ministério civil, preocupavam-se em identificar na máquina pública opositores do Regime Militar, sobretudo militantes de esquerda ou simpatizantes, e vigiar as atuações dos servidores, para que críticas internas ao governo fossem eliminadas.

Para formar o conjunto, que determinou o andamento da ação militar, o combate contra a oposição, a partir de 1970, passou a ser conduzido pelo CODI-DOI (Centro de Operações de Defesa Interna - Destacamentos de Operações de Informações). De acordo com Fico, ambos centralizavam e organizavam toda a repressão aos adversários do regime, inspirados no padrão da Operação Bandeirante (OBAN), centro irradiador de arbitrariedades e violação dos direitos fundamentais.

No exercício, apesar de as duas siglas terem se notabilizado em conjunto, cada aparelho tinha sua função. O CODI planejava as operações, analisava

informações, interrogatórios e coordenava as medidas de defesa interna, ou seja, se responsabilizava pelo trabalho burocrático administrativo, ao passo que o DOI era designado para o “trabalho sujo”, isto é, era encarregado de ações práticas Fico (2001, 123). Nessa perspectiva, em pouco tempo, os centros clandestinos de prisão, tortura e assassinato do CODI-DOI ganharam poder. Tudo era permitido para defender a segurança nacional.

Ainda em relação à Ditadura Militar, o *Projeto Brasil: nunca mais* (1985), iniciativa do Conselho Mundial de Igrejas e da Arquidiocese de São Paulo, sob a coordenação de Paulo Evaristo Arns, destaca as torturas e outras graves violações dos direitos humanos. Essa ampla pesquisa utilizou documentos oficiais do próprio Estado para comprovar a prática reiterada e institucionalizada da tortura como ferramenta de investigação e repressão, entre 1964 e 1979.

Conforme os relatos do projeto, as informações reunidas revelaram numerosos modos diferentes das práticas de contenção, mediante agressão física, pressão psicológica e utilização dos mais variados instrumentos. Em vinte e um anos de governo autoritário, estabeleceram-se tratamentos de penas cruéis, desumanas e degradantes, execuções de violência sexual e ofensas a integridade física e psíquica dos presos, empregadas sem distinção de idade, sexo, situação física em que se encontravam as pessoas suspeitas de atividades subversivas Arns (1985, p. 52).

Outrossim, os Atos Institucionais e a autoridade absoluta dos militares exerceram um papel crucial como proteção e salvaguarda do trabalho das forças repressivas, como garantir o poder autoritário sem considerar os métodos utilizados. Em referência, Arns afirma que esses atos conceberam um conjunto de leis de exceção, o que permitiu ao governo cancelar, gradativamente, os direitos da população, punindo todos que se opusessem às diretrizes dos chefes políticos militares.

Por conseguinte, ao retorno à democracia, a promulgação da Lei de Anistia negligenciou a violência ocorrida e perdoou os que “foram condenados por atentarem contra a estabilidade do regime e os que, em nome desse mesmo regime, cometeram

crimes quando prenderam os primeiros” Arns (1985, p. 52). Ou seja, a lei protegeu não só militantes, mas também os militares. Contudo, o “perdão” aos crimes praticados durante a Ditadura Militar não apaga as mortes, as torturas e outras sequelas deixadas pela intensa violação dos direitos humanos do governo autoritário.

1.2 RESISTÊNCIA E TESTEMUNHO: MEMÓRIA DA DOR PARA SOBREVIVER

Para definir a resistência, o crítico e historiador da literatura brasileira Alfredo Bosi, na coletânea de ensaios *Literatura e resistência* (2002), considera que seu conceito se encontra inteiramente ligado à ética e não à estética. Igualmente, a experiência dos artistas e o seu testemunho dizem, em geral, a ideia de resistência, e esta é concretizada de duas maneiras, que não se excluem obrigatoriamente: a resistência enquanto temática e como forma imanente da escrita.

Antes de tudo, o autor assegura que a translação de sentido da ética para a estética é possível quando o escritor utiliza uma força motivadora da vida em sociedade, isto é, enquanto é movido por valores nos quais acredita. Tais valores agem, especialmente, em sua oposição aos designados antivalores sociais. Assim, se repelem e combatem, por exemplo, “liberdade e despotismo; igualdade e iniquidade; sinceridade e hipocrisia; coragem e covardia; fidelidade e traição, etc.” Bosi (2002, p. 120).

Entretanto, conforme o autor, embora compartilhe os mesmos valores de outros, que estão engajados na luta contra os valores opostos, o autor pode abordar seu ponto de vista de maneira característica, e isso será permitido através do uso da imaginação, da memória, de habilidades expressivas e estilísticas. A consolidação dos valores está vinculada à veracidade das representações literárias, mas, de qualquer forma, é a história da concretização desses valores que servirá como guia.

A compreensão da resistência como tema na expressão artística pode ser contextualizada pelo seu surgimento entre as décadas de 1930 e 1950 Bosi (2002, p. 127). Nesse período, os intelectuais estavam profundamente envolvidos na luta contra

regimes autoritários e totalitários, como o fascismo na Itália, o nazismo na Alemanha, o franquismo na Espanha e o salazarismo em Portugal, que representavam ameaças à liberdade, à democracia e aos direitos humanos. A resistência emergiu como um tema central na produção artística da época para evidenciar as experiências vividas pela sociedade diante dessas situações históricas desafiadoras.

A respeito da resistência inerente à escrita, esse processo ocorre independentemente de qualquer militância política, pois há uma tensão interna na própria escrita que a torna resistente, não exclusivamente como um tema específico, mas como uma característica fundamental de sua essência. A escrita resistente não se limita a abordar determinados temas ou situações, mas é permeada por um anseio de discernimento entre o bem e o mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que entra em conflito com o estilo e a mentalidade predominantes Bosi (2002, p. 129).

Quanto ao conceito do testemunho, o professor Wilberth Claython Ferreira Salgueiro, em seu artigo “O que caracteriza a literatura de testemunho (e reflexões sobre Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap)” (2012), elenca algumas considerações sobre os traços e características fundamentais na identificação de um texto pertencente à “Literatura de Testemunho”.

Para Salgueiro (2012, p. 285), a testemunha é a pessoa que vivenciou uma experiência em questão. No que lhe diz respeito, o testemunho seria “feito, dado, produzido, elaborado pelo sobrevivente”, através de depoimentos, documentos, registros, relatos, sejam eles escritos, orais ou outras formas de expressão. Como resultado, existem diversas categorias de testemunho relacionadas às diferentes circunstâncias, eventos e períodos históricos, como genocídios, guerras, ditaduras, entre outros.

É indispensável, assim, apontar as motivações para testemunhar. Primeiro, destaca-se a busca por “vingança” contra aqueles que perpetraram os atos condenáveis, ou mesmo o completo silêncio como resposta Salgueiro (2012, p. 287). Há tanto uma reação emocional diante do sofrimento impulsionada pelo desejo de justiça, como

um silêncio para evitar reviver experiências dolorosas, uma maneira de proteger a si mesmas ou a outros. Ambas as reações são reflexos das complexidades envolvidas no processo de testemunhar eventos traumáticos.

Outro componente indispensável é a confiabilidade presumida pelo triplo dêitico, que se refere à primeira pessoa do singular, ao tempo passado e à oposição ao “aqui” e ao “não-lá” Salgueiro (2012, p. 289). Isso significa que a narrativa testemunhal é geralmente ancorada na experiência pessoal do escritor, situada no passado e contrastada com o presente e com o local onde ocorreu. Logo, a declaração do “eu estava lá” enfatiza a presença física da testemunha no evento, aumentando sua credibilidade e autenticidade.

Por isso, indicam-se nos textos as características, como: o (1) uso da primeira pessoa, o que confere uma sensação de autenticidade e proximidade emocional, já que o escritor relata suas próprias experiências; o (2) compromisso com a sinceridade do relato, ao ser assumido com a veracidade; o (3) desejo de justiça, percebido pela busca da reparação das vítimas; a (4) vontade de resistência às inúmeras faces do autoritarismo, ou seja, resistir para sobreviver Salgueiro (2012, p. 292).

Outras características são importantes, como: o (5) abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético, porque este, ligado à verdade e à justiça, assume uma posição de destaque; o (6) aspecto de um evento coletivo, pois os testemunhos envolvem episódios que afetaram não apenas o indivíduo, mas toda uma comunidade; a (7) presença do trauma, resultante de extremas violências, que deixam cicatrizes emocionais profundas nos indivíduos; que pode se tornar (8) rancor e ressentimento Salgueiro (2012, p. 292 - 293).

Também, são indispensáveis: o (9) vínculo estreito com a história, contribuindo para a compreensão do contexto; (10) sentimento de vergonha, motivado pelas humilhações sofridas; o que, muitas vezes, se transforma em um (11) sentimento de culpa por ter sobrevivido, quando outros não o fizeram; e a (12) impossibilidade radical de reapresentação do vivido/sofrido, pois o trauma pode resultar em um silêncio e na incapacidade de expressar inteiramente as vivências, Salgueiro (2012, p. 293).

Em referência ao conceito da Poesia de Testemunho, conforme abordado pelo professor e pesquisador Cristiano Augusto da Silva, no livro *Poesia &... Teoria e prática do texto poético* (2022), organizado por Ida Alves, Joelma Siqueira e Solange Fiuza, alude-se à produção que também apareceu entre os anos de 1964 e 1985. Essa poesia se desenvolve no contexto marcado pela repressão e expõe os relatos de sobreviventes para desempenhar o papel de resistência e de testemunho.

Para o autor, a Poesia de Testemunho é uma expressão literária utilizada por indivíduos que resistiram à Ditadura no Brasil. Essas obras foram escritas em condições frequentemente precárias e, hoje, muitas delas encontram-se abandonadas em termos editoriais Silva (2022, p. 171). Tal configuração de poesia é marcada pela perspectiva de testemunhas que vivenciaram pessoalmente as barbaridades do regime, ou seja, sobreviventes (*superstes*²), em sua maioria produzidas por militantes políticos de organizações de esquerda.

Por se tratarem de obras de militantes, caçados, mantidos sob custódia ou perseguidos pela ditadura, a construção da poesia de testemunho se dá à margem do sistema literário. A poesia que testemunhava experiências traumáticas não era publicada, longe disso, suas edições ocorriam em edições impressas em gráficas. Assim, “estas marcas de fragilidade material e simbólica guardam íntima relação com o processo de apagamento de traumas históricos que constituem a cultura brasileira” Silva (2022, p. 173).

Além das questões de precariedade material, o autor relata a existência do apagamento da Poesia de Testemunho, porque essa produção está afastada dos debates oficiais, do cânone, da imprensa e do campo literário. Por isso, é necessário destacar sua capacidade de resistência em recuperar questões passadas, principalmente ligadas a traumas coletivos causados pela ditadura, despertando interpretações variadas de leitura no contexto contemporâneo. Evidencia-se o uso da poesia como meio essencial na conscientização, mobilização e resistência contra as estruturas opressivas.

² Termo que, aplicado ao contexto dos eventos traumáticos e históricos, refere-se à pessoa que viveu diretamente os episódios, assim, tem o poder único de oferecer um relato em primeira mão, compartilhando sua experiência e fornecendo percepções valiosas sobre o que ocorreu, por ter sido “testemunha” de tal fato.

2 ANÁLISE DOS POEMAS DO POVO DA NOITE

A partir da sistematização da Ditadura Militar e seus principais sistemas, em conjunto com as discussões acerca dos conceitos teóricos da resistência e do testemunho, realizar-se-á neste tópico uma breve biografia do poeta Pedro Terra, sobre sua trajetória e produção literária. Depois, proceder-se-á com a análise do poema “Poema-Prólogo”, da obra *Poemas do povo da noite* (1979), examinando-se a estrutura de composição, os níveis lexical, sintático e semântico, bem como a representação da ditadura, da resistência e do testemunho.

2.1 PEDRO TERRA: VIDA E OBRA DE UM POETA-TESTEMUNHA

Hamilton Pereira da Silva, conhecido pelo pseudônimo Pedro Terra, nasceu em Porto Nacional, antes Goiás e atualmente Tocantins, no dia 06 ou 26 de julho, existem dúvidas, de 1948. O poeta e político brasileiro, que “nasceu miúdo, mas vingou”, era filho de retirantes piauienses que fugiram da seca. Realizou seus estudos no Colégio Estadual do Paraná, localizado na cidade de Curitiba, uma escola de grande tradição e importância no estado, o que lhe proporcionou a oportunidade de ampliar seu conhecimento e aprofundar-se no vasto mundo dos livros e da escrita.

O poeta não concluiu seus estudos e não cursou universidade, pois decidiu dedicar-se inteiramente à luta política contra a Ditadura Militar. Aos 24 anos, em 10 de junho de 1972, em uma cidade de Goiás, foi preso como membro militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), acusado de subversão e de atentar contra a segurança nacional. Sua prisão, assim como a de outros ativistas, foi uma espécie de sequestro. Pegaram-no na rua e arremessaram-no na parte traseira de um carro. Iniciaram-se, então, seus longos anos de tortura.

Mais tarde, Pedro Terra foi transferido para o DOI-CODI, em São Paulo, e permaneceu detido de março a outubro de 1973. Após isso, foi encaminhado para outras prisões, incluindo o Presídio do Hipódromo, a Casa de Detenção no Carandiru, a Penitenciária do Estado de São Paulo e o Presídio do Barro Branco.

Depois, foi condenado a 12 anos de reclusão. Entretanto, mediante recurso, a pena foi reduzida para cinco anos, e ele somente foi liberto em março de 1977, após cumpri-la inteiramente.

Nos “porões” do regime ditatorial, o poeta foi proibido de escrever, já que não possuía lápis, caneta ou papel disponíveis. Porém, durante um intervalo no interrogatório ao qual estava sendo submetido, Tierra conseguiu guardar um lápis que estava sobre a mesa do interrogador. Ao retornar para a cela, cuidadosamente, rasgou um maço de cigarro e usou o interior branco para escrever seus versos. Essa foi a origem de seus *Poemas do povo da noite*³, a qual desafia os sistemas do governo militar, tornando Pedro Tierra um poeta.

Durante sua jornada, o escritor recebeu reconhecimentos e prêmios, como a menção honrosa da *Casa de las Américas*, em 1978, e o Prêmio Alceu Amoroso Lima - Poesia e Liberdade, em 2001. Ao longo de sua trajetória, publicou seis livros: *Poemas do povo da noite* (1979), *Missa da terra sem males* (1979), com Pedro Casaldáliga e Martin Coplas, *Missa dos quilombos* (1981), também com Casaldáliga, *Água de rebelião* (1983), *Inventar o fogo* (1986) e *A palavra contra o muro* (2013) e *Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo* (2019).

2.2 ANÁLISE DO “POEMA-PRÓLOGO”

O “Poema-Prólogo”, de Pedro Tierra, abre a coletânea *Poemas do povo da noite* (1979). A partir de sua leitura, ressaltam-se alguns dos elementos mais representativos da poesia do autor, versos de resistência e testemunho em face da Ditadura Militar do Brasil. Dessa forma, para melhor aproveitamento analítico, cito o poema na íntegra (Tierra, 1979, p. 9-11):

Poema-Prólogo

1. Fui assassinado.
2. Morri cem vezes
3. e cem vezes renasci
4. sob os golpes do açoite.

³ Seus poemas, primeiramente, foram publicados na Itália (1977), em seguida, na Espanha (1978) e no Brasil (1979).

5. Meus olhos em sangue
6. testemunharam
7. a dança dos algozes
8. em torno do meu cadáver.

9. Tornei-me mineral
10. memória da dor.
11. Para sobreviver,
12. recolhi das chagas do corpo
13. a lua vermelha de minha crença,
14. no meu sangue amanhecendo.

15. Em cinco séculos
16. reconstruí minha esperança.
17. A faca do verso feriu-me a boca
18. e com ela entreguei-me à tarefa de renascer.

19. Fui poeta
20. do povo da noite
21. como um grito de metal fundido.

22. Fui poeta
23. como uma arma
24. para sobreviver
25. e sobrevivi.

26. Companheira,
27. se alguém perguntar por mim:
28. sou o poeta que busca
29. converter a noite em semente,
30. o poeta que se alimenta
31. do teu amor de vigília
32. e silêncio
33. e bebeu no próprio sangue
34. o ódio dos opressores.

35. Porque sou o poeta
36. dos mortos assassinados,
37. dos eletrocutados, dos “suicidas”,
38. dos “enforcados” e “atropelados”,
39. dos que “tentaram fugir”,
40. dos enlouquecidos.
41. Sou o poeta
42. dos torturados,
43. dos “desaparecidos”,
44. dos atirados ao mar,
45. sou os olhos atentos
46. sobre o crime.
47. Companheira,
48. virão perguntar por mim.
49. Recorda o primeiro poema
50. que lhe deixei entre os dedos
51. e diz a eles
52. como quem acende fogueiras
53. num país ainda em sombras:
54. meu ofício sobre a terra
55. é ressuscitar os mortos
56. e apontar a cara dos assassinos.
57. Porque a noite não anoitece sozinha.
58. Há mãos armadas de açoite
59. retalhando em pedaços
60. o fogo do sol
61. e o corpo dos lutadores.
62. Venho falar
63. pela boca de meus mortos.
64. Sou poeta-testemunha,
65. poeta da geração de sonho

66. e sangue

67. sobre as ruas de meu país.

Em primeiro lugar, ao analisar os aspectos formais do referido poema, observa-se a composição de sessenta e sete versos organizados em doze estrofes. Diante disso, notam-se os versos livres, que não obedecem a nenhuma regra preestabelecida em relação ao metro e à presença de rimas. Entretanto, no decurso da leitura, evidencia-se um esquema rítmico entre as palavras, resultante da alternância entre sílabas fortes e fracas, bem como da combinação de consoantes e vogais.

Em seguida, no que se refere ao léxico do poema, além do nível de linguagem coloquial, percebe-se que o texto revela a predominância de verbos. Há uma mescla de tempos verbais, tais como o presente do indicativo, contribuindo para não deixar margens à dúvida (“sou”, “venho”), e o pretérito perfeito do indicativo, confirmando a experiência intensa e dolorosa do poeta (“morri”, “sobrevivi”). Ainda, a forma nominal do particípio passado colabora para o conhecimento das ações suportadas no contexto escrito (“assassinados”, “eletrocutados”). Em resumo, passado e presente ligam-se nos versos resgatados pelo impulso do testemunho.

Outrossim, verifica-se na organização sintática que o poema apresenta períodos simples e compostos. Em termos de pontuação, todos os versos terminam com um ponto final. No que está relacionado ao aspecto semântico, ou seja, aos efeitos de significado das palavras presentes em todos os níveis, considerando o sentido geral do poema, seu contexto e tema, é possível examinar traços que amparam na identificação das características que também determinam a literatura e a poesia de testemunho.

Um ponto importante, antes de mais nada, a se ressaltar no poema de Pedro Terra é a constituição da voz enunciativa, o sujeito poético. O uso da primeira pessoa, retomando as considerações de Salgueiro, possibilita estabelecer uma afinidade entre a identidade do poeta (“real”) e do eu-lírico (“ficcional”). Há, desse modo, uma relação declarada com referências à experiência dolorosa do escritor, o que potencializa o relato e cria a essência lírica ao revelar seus sentimentos, emoções, pensamentos e opiniões.

Na primeira estrofe: “Fui assassinado./ Morri cem vezes/ e cem vezes renasci/ sob os golpes do açoite.”, no passado e no presente, o poeta se inscreve como aquele que presenciou e sobreviveu a um evento coletivo, fruto da opressão e da tortura praticada pelos órgãos durante os anos de vigência da Ditadura Militar. Nessa coincidência das vozes, do eu-lírico e do poeta, assume-se a subjetividade e a projeção imediata de anseios, fornecendo informações do passado que a história, sozinha, é incapaz de contemplar.

A seguir, na segunda estrofe: “Meus olhos em sangue/ testemunharam/ a dança dos algozes/ em torno do meu cadáver.”, o eu lírico simboliza a celebração por parte dos opressores diante a situação de sofrimento do poeta. Nos componentes essenciais da operação testemunhal, compreende-se a confiança do gesto e o compromisso com a sinceridade do relato, expressado pela ideia do “eu estava lá”. Suas palavras, assim, funcionam como testemunho ao trazerem um relato privilegiado, exclusivo das experiências realmente vividas.

Na terceira estrofe: “Tornei-me mineral/ memória da dor./ Para sobreviver,/ recolhi das chagas do corpo/ a lua vermelha de minha crença,/ no meu sangue amanhecendo.”, é necessário recorrer ao contexto. Destaca-se na “lua vermelha” a representação da noite, momento do dia geralmente associado às práticas opressivas, e uma associação aos princípios comunistas, conectados à cor. Antes, em metáfora, o mineral simboliza firmeza e força, indicando que as cicatrizes da experiência fortaleceram o eu lírico, apresentando como traço de teor testemunhal a vontade de resistência às inúmeras faces do autoritarismo.

Similarmente, na quarta estrofe: “Em cinco séculos/ reconstruí minha esperança./ A faca do verso feriu-me a boca/ e com ela entreguei-me à tarefa de renascer.”, o eu lírico mostra a perseverança. A linha temporal confirma um amplo período, muito além de uma vida inteira, para reconstruir algo tão essencial quanto a esperança do povo. Em outras palavras, foram, e continuam, de extensa duração as consequências do governo autoritário. E, para noticiar isso, a ferida representa o agravo profundo causado pelas palavras comprometidas e comprometedoras do poeta.

Mais adiante, na quinta estrofe: “Fui poeta/ do povo da noite/ como um grito de metal fundido”, o eu lírico conecta-se ao anoitecer, como muitos artistas nesse contexto, para resistir. Em presença do silêncio imposto e da tentativa da Ditadura Militar de suprimir a expressão poética, a escrita foi a maneira criativa para apontar os episódios, com seus pensamentos e sentimentos guardados. A consciência crítica do sujeito lírico se revela na forma de metapoesia. Mesmo com a escuridão, a dor e a tortura, a voz que enuncia o poema resiste para testemunhar e não se cala.

Logo após, na sexta estrofe: “Fui poeta/ como uma arma/ para sobreviver/ e sobrevivi.”, com versos breves, no entanto, intensos, o eu lírico evoca a condição de escrever com a ideia de sobrevivência. O processo de escrita possui uma tensão interna que o torna resistente, inerente à escrita, como discorrido em Bosi. As palavras são instrumentos de poder e amparo no contexto ameaçador no qual o eu lírico estava inserido e seus versos foram decisivos para resistir às experiências traumáticas. Ao poeta competiu a condição de quem é capaz de representar, e isso é permitido através de suas habilidades expressivas e estilísticas.

Na sétima estrofe: “Companheira,/ se alguém perguntar por mim:/ sou o poeta que busca/ converter a noite em semente,/ o poeta que se alimenta/ do teu amor de vigília/ e silêncio/ e bebeu no próprio sangue/ o ódio dos opressores.”, novamente como eu poeta e autor, o eu lírico dirige-se à companheira, assumindo que sua luta se fará através da poesia. O depoimento, relato do sujeito lírico, estabelece, de tal modo, uma visão da literatura como um campo ligado à presença traumática e a escrita é voltada para a reinterpretação das heranças do autoritarismo em vigência.

Posteriormente, na oitava estrofe: “Porque sou o poeta/ dos mortos assassinados,/ dos eletrocutados, dos “suicidas”,/ dos “enforcados” e “atropelados”,/ dos que “tentaram fugir”,/ dos enlouquecidos.”, o eu poético confirma uma conexão pessoal com as vítimas do governo militar. Ao utilizar as aspas, existe uma ironia em relação às versões oficiais sobre as mortes ocorridas, posteriormente confirmadas

com diversas inconsistências⁴. Percebe-se que o eu lírico carrega o sentimento de culpa pela condição de ter sobrevivido a uma catástrofe histórica, enquanto outras pessoas não tiveram o mesmo “destino”, como enfatizado em Salgueiro.

De modo idêntico, na nona estrofe: “Sou o poeta dos torturados,/ dos “desaparecidos”,/ dos atirados ao mar,/ sou os olhos atentos/ sobre o crime.”, o sentimento anterior permanece presente. Assim, o eu lírico enquanto sujeito poeta não se limita a apresentar-se somente como vítima das violências do passado, mas também como porta-voz daqueles que não podem mais falar por si. Identifica-se como alguém que compartilha do sofrimento das vítimas atento às violações dos direitos humanos que eram aplicadas como meio de obter informações e silenciar.

Além disso, na décima estrofe: “Companheira,/ virão perguntar por mim./ Recorda o primeiro poema/ que lhe deixei entre os dedos/ e diz a eles/ como quem acende fogueiras/ num país ainda em sombras:/ meu ofício sobre a terra/ é ressuscitar os mortos/ e apontar a cara dos assassinos.”, a finalidade do lírico é lembrar acontecimentos passados, revelando a identidade dos responsáveis e suas ações. Observa-se outra característica da poesia de testemunho, o desejo de justiça e a busca de vingança, em relação àqueles que executaram as penas, quando a voz do poema aponta reflexões sobre as motivações por trás do ato de testemunhar.

Na décima primeira estrofe: “Porque a noite não anoitece sozinha./ Há mãos armadas de açoite/ retalhando em pedaços/ o fogo do sol/ e o corpo dos lutadores.”, o eu lírico afirma que o autoritarismo não vem naturalmente, mas são causados por forças poderosas. Concretiza-se o vínculo estreito com a história, exposto em Salgueiro e em Fico, expondo aqueles agiram sobre os que se levantaram em oposição, extinguindo a liberdade e decretando a obediência inquestionável. Não se deixa de notar a existência do sentimento de rancor e ressentimento pela impossibilidade ou a recusa de esquecer os culpados.

⁴ A Comissão Nacional da Verdade (CNV) investigou as graves violações aos direitos humanos ocorridas durante a Ditadura Militar, concluindo que o suicídio também foi utilizado para “justificar” mortes de prisioneiros. Tratavam-se, na realidade, de atos de execução, como o caso de Luiz Eurico Tejera Lisboa (1972) e de Wladimir Herzog (1975).

Por fim, na décima segunda estrofe, “Venho falar/ pela boca de meus mortos./ Sou poeta-testemunha,/ poeta da geração de sonho/ e sangue/ sobre as ruas de meu país.”, o sentimento de culpa por sobreviver se repete como elemento testemunhal. A geração de jovens, que naquele período buscava mudanças e um país mais livre, deparou-se com um governo autoritário. O lírico identifica-se, mais uma vez, como uma testemunha dos acontecimentos desse contexto, carregando o peso da memória de todos os que, como ele, sofreram com a Ditadura Militar.

Portanto, conclui-se que no poema de Pedro Terra notam-se as características apontadas em Salgueiro, o registro em primeira pessoa, a sinceridade do relato, o desejo de justiça, a vontade de resistência, a apresentação de um evento coletivo, o rancor e o ressentimento, o vínculo estreito com a história e a culpa por ter sobrevivido. O processo testemunhal na poesia do autor tem como ponto de partida um sujeito marcado pela experiência dolorosa e traumática, resultante exatamente da condição de ter sobrevivido a uma catástrofe histórica.

Conforme visto em Bosi, o poema estudado confirma os tipos de resistência elencados pelo teórico. Dessa maneira, a primeira, a resistência enquanto temática da obra, é observada quando o poeta evidencia as experiências das violências no contexto da Ditadura Militar, uma situação enraizada na história do Brasil. A segunda, a resistência inerente à escrita, se manifesta em uma tensão interna por meio da técnica do poema e seu esforço em expressar as situações do período.

Enquanto a situação de brutalidade é mencionada, o objetivo é apelar para a reação do leitor em mostrar como a vida era. Fundamentado nisso, as principais práticas repressivas do Estado durante a Ditadura Militar observadas são: assassinatos, choque elétrico, enforcamento, atropelamento, tortura física e psicológica. A respeito disso, como demonstrado em Carlos Fico, essas e outras “técnicas” foram utilizadas para a obtenção das informações almejadas, para promover a repressão e para silenciar, por diferentes motivações, os considerados “inimigos do regime”.

3 CONCLUSÃO

Retomando as questões fundamentais, a presente pesquisa teve como objetivo principal analisar a representação poética da ditadura, da resistência e do testemunho, a partir do “Poema-Prólogo”, de Pedro Terra. Mediante este estudo, articulando a relação entre Poesia e História, constataram-se os recursos temáticos utilizados pelo autor na escrita de resistência para retratar a intensidade da repressão durante a Ditadura Militar, na eficácia do combate aos acusados de subversão.

Analisando, voltando à concepção da história, notou-se que além das prisões arbitrárias e dos interrogatórios irregulares para a detecção dos riscos à segurança nacional, os órgãos do governo autoritário também se envolveram nas práticas de tortura e assassinato, seguindo as considerações expostas de Carlos Fico. Essas medidas do aparato repressivo, conferiram-se nos versos pela menção às violações dos direitos humanos, ironizadas pelo poeta em relação às incoerências das versões oficiais.

O poema revelou-se na íntima relação entre o acontecimento traumático, a resistência e o testemunho. Sopesando isso, constataram-se, desse modo, as características dessa literatura que se somam aos objetivos do poeta, conforme as exposições de Wilberth Salgueiro. Com a finalidade de compreender a si, o poeta implicou a obrigação de ser porta-voz da dor das vítimas do período, uma prestação de contas com a própria consciência, procurando fazer justiça poética.

Consequentemente, averiguou-se a necessidade de representar o que aconteceu, no nível individual e coletivo. Na inquietação que percorre o poema, percebeu-se que a transmissão das experiências se confirmou na “linguagem da dor”. As dificuldades que encontrara no ato de verbalizar sua experiência são mais indícios de que as práticas do Regime Militar, além de imprimir a sua marca no corpo da vítima, geraram, na constituição psíquica, feridas muito mais profundas. Por isso, a arte da poesia, pela metalinguagem, não foi somente uma confissão estética, mas uma configuração de enfrentar e superar.

Portanto, ressalta-se a relevância desta pesquisa como alerta social e histórico. Além de testemunhar o passado, revela-se uma visão do presente diante das ações arbitrárias de censura, violação dos direitos humanos, ataques à liberdade de expressão dos cidadãos e um clima de medo – atributos característicos de regimes autoritários – tornaram-se realidade em vários casos ocorridos no Brasil nos últimos anos. Se ainda existem aqueles que desejam que o país volte a ser controlado por governos antidemocráticos, é porque a informação sobre o que acontecia nos porões das forças armadas não chegou ou, até mesmo, não sensibilizou a todos.

Em razão disso, o conhecimento sobre a poesia de Pedro Tierra, assim como dos demais autores que se envolvem nessa produção de resistência e testemunho, enfatiza-se na importância de recordar os anos de intenso obscurantismo que geraram consequências severas e que, ainda hoje, muitos lutam para superar. Trata-se aqui do propósito de evitar que as falhas dos tempos ameaçadores se reproduzam notadamente em posturas antidemocráticas, não permitindo que o caminho fique acessível para sua repetição disfarçada na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ARNS, Paulo Evaristo (Org.) **Projeto Brasil: Nunca Mais**. Arquidiocese de São Paulo. Tomo I. São Paulo, 1985.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FICO, Carlos. **Como eles agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar**: espionagem e polícia política. Editora Record, 2001.

GOLDESTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: África, 2006.

TIERRA, Pedro. **Poemas do povo da noite**. São Paulo: Editorial Livramento, 1979.

SALGUEIRO, Wilberth. O que caracteriza a literatura de testemunho (e reflexões sobre Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). **Matraga**, Programa De Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012, p. 284-303. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/22610>. Acesso em: jun. 2023.

SILVA, Camila Maria Moreno da. **Pedro Tierra, o poeta da resistência**: os Poemas do povo da noite e a poesia de testemunho. Trabalho de Conclusão de Curso; Graduação em Letras – Português, Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

SILVA, Cristiano. Poesia de resistência, poesia engajada, poesia de testemunho. *In.*: ALVES, Ida; SIQUEIRA, Joelma Santana; FIUZA, Solange. (Orgs.) **Poesia &...: teoria e prática do texto poético**. [Ebook]. Goiânia: Cegraf, UFG, 2022, p. 159-178. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/26/o/E-book_Poesia___...Teoria_e_pr%C3%A1tica_do_texto_po%C3%A9tico.pdf. Acesso em: jun. 2023.

Contribuição de Autoria

1 – Bruno Marques Duarte

Docente e Coordenador do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus de Piripiri.

Universidade Estadual do Piauí

<https://orcid.org/0000-0002-5498-7416> • brunomarquesduarte@gmail.com

Contribuição: Escrita – Revisão e Edição, Metodologia, Supervisão, Administração do Projeto.

2 – Flávia Maria Gomes Alves

Formada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Universidade Estadual do Piauí

<https://orcid.org/0009-0005-8818-0492> • flaviamariagomesalves@gmail.com

Contribuição: Escrita – Primeira Redação, Conceituação, Validação - Análise Formal – Investigação.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

DUARTE, M. B.; ALVES, F. M. G. Poesia como arma para sobreviver: ditadura, resistência e testemunho no “Poema-Prólogo”, de Pedro Terra. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e89103, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X89103>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/89103>. Acesso em: xx/xx/xxxx.